

A CONTRIBUIÇÃO DE YEDA PESSOA DE CASTRO NA LEGITIMAÇÃO DA MATRIZ AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Bruna Mirela Gomes do Nascimento²

RESUMO

Nosso trabalho tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma história linguística transatlântica (Coelho; Finbow, 2020) a partir da contextualização e análise da produção intelectual da etnolinguista Yeda Pessoa de Castro. A partir de uma abordagem qualitativa e de uma revisão de seus textos, procedemos em destacar como a autora aborda a questão do contato linguístico e formação do português brasileiro a partir da atuação do negro escravizado, assim como o pioneirismo da autora ao tratar da participação do elemento banto na identidade linguística nacional, contribuindo na construção de uma narrativa de uma história linguística, conforme os pressupostos da Historiografia Linguística (Swiggers, 2013; 2019). Procedemos, ainda, no apontamento de um conjunto de conceitos e termos presentes na descrição tradicional de aspectos relacionados à língua e que são abordados com sentidos particulares para Castro a partir de uma abordagem historiográfica decolonial (Coelho, 2023). Buscamos entender, assim, como o trabalho da autora articula língua, cultura e identidade e como podemos construir uma narrativa sobre a presença e o papel da população africana no Brasil.

Palavras-chave: antropologia linguística; linguística histórica; língua portuguesa - etimologia; Castro, Yeda Pessoa de - crítica e interpretação.

ABSTRACT

Our work aims to contribute to the development of a transatlantic linguistic history (Coelho; Finbow, 2020) through the contextualization and analysis of the intellectual production of ethnolinguist Yeda Pessoa de Castro. Using a qualitative approach and a review of her texts, we highlight how the author addresses the issue of linguistic contact and the formation of Brazilian Portuguese from the perspective of enslaved Black people, as well as her pioneering work in addressing the participation of the Bantu element in national linguistic identity, contributing to the construction of a narrative of linguistic history, in accordance with the assumptions of Linguistic Historiography (Swiggers, 2013; 2019). We also point out a set of concepts and terms present in the traditional description of aspects related to language that are approached with particular meanings for Castro from a decolonial historiographical perspective (Coelho, 2023). We seek to understand, therefore, how the author's work articulates language, culture, and identity, and how we can construct a narrative about the presence and role of the African population in Brazil.

Keywords: linguistic anthropology; historical linguistics; Portuguese language - etymology; Castro, Yeda Pessoa de - criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

² Técnica em Dança pela Escola Estadual EEB Prof. Germano Timm, Joinville/SC; curso de Capacitação de Professoras no Método Sasaki Técnicas Lúdicas e Educativas para aulas de dança do ventre infantil; graduanda em Letras - Língua Portuguesa UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A partir de 1970, através de trabalhos precursores de Konrad Koerner, a Historiografia Linguística toma forma como uma possibilidade de abordagem do fenômeno da linguagem no campo dos estudos linguísticos. Segundo Swiggers (2010, p. 2):

A historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares (cujo impacto pode ser ‘positivo’, i.e. estimulante, ou ‘negativo’, i.e. inibidores ou desestimulantes), de como o conhecimento linguístico, ou mais genericamente, o know-how linguístico foi obtido e implementado.

Interessa, então, para a Historiografia Linguística, a partir de um conjunto diversificado de textos contextualizados, o estudo e a compreensão do desenvolvimento das ideias e práticas linguísticas apreendidas destes textos e que nos ajuda na construção de uma escrita da história do estudo sobre a linguagem (Swiggers, 2013, 2019). Essa escrita será realizada a partir da observação, da descrição, da análise e da interpretação histórica de como a linguagem e a língua são percebidas e discutidas ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais, sociais e políticos (Batista, 2020).

Para Altman (2019), ainda é primordial que se examinem as circunstâncias de como o conhecimento acerca da linguagem e das línguas foram produzidos e recebidos e, conseqüentemente, elaborar uma descrição não normativa dos princípios e dos métodos de produção desse conjunto de conhecimentos linguísticos. Em seguida, é importante a descrição destes resultados, sejam eles bem ou malsucedidos dentro de uma linha temporal histórica, como já repetida.

Conforme podemos perceber, portanto, os estudos na área da Historiografia Linguística permitem uma ampla abordagem temática. No entanto, é válido ressaltar que esses estudos ainda estão pautados por uma perspectiva linguística ocidentalizada e historicamente sob domínios paradigmáticos tradicionais que são, quase em sua totalidade, euro-americanos e que privilegiam uma gramaticografia ou (re)produções do pensamento de línguas ou linguistas indo-europeus (Coelho; Finbow, 2020; Santos, 2021).

Em relação a esse espaço euro-americano e indo-europeu, fazemos um recorte do que consideramos um espaço linguístico transatlântico a partir do que é posto pela História Atlântica, portanto:

A História Atlântica tem se apresentado desde as últimas décadas do século XX como possibilidade metodológica, repensando pesquisas e propondo-se abarcar as comunidades do Atlântico, gradativamente rompendo com os parâmetros metodológicos de uma história centrada nos pressupostos historiográficos da Europa, em que perdurara o uso de conceitos etnocêntricos para os estudos desse oceano (nação, império, etc.) e o fluxo de culturas (Cecatto, 2017, p. 168).

Reivindicar o espaço atlântico e suas interações humanas não hierarquizadas é um rompimento com uma história etnicamente homogênea e forjada como sendo unicamente europeia, identificando o oceano como espaço de conexões de diferentes povos e suas especificidades, mas que se aproximaram em aspectos de uma mesma história (Cecatto, 2017).

Em relação a este domínio transatlântico, ao considerá-lo como um espaço de (con)vivência de povos distintos, é possível que façamos novas releituras de como os estudos linguísticos têm sido conduzidos, assim como permitir a abertura de “um campo ainda pouco explorado de fenômenos e de correlações instauradas pelos contatos populacionais e linguísticos que nele se deram e se dão” (Coelho; Santos, 2022, p. 2).

Para o presente trabalho, vamos considerar como documentos históricos, um conjunto de textos produzidos pela etnolinguista brasileira Yeda Pessoa de Castro. Em específico, contemplamos duas obras da autora com lançamento no ano de 2022: *Africanias em terras brasileiras*, um compilado de artigos, ensaios e apresentações realizadas entre 1970 e 2020 por Yeda Pessoa de Castro e organizado por Olívia Almeida e Sônia Queiroz; e *Camões com Dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*.

Ao privilegiarmos as produções acadêmicas de Yeda Pessoa de Castro, a partir de uma perspectiva historiográfica transatlântica, como aqui colocada, buscamos contemplar uma narrativa que não se pretende universal quando se trata de uma história do conhecimento e do pensamento linguísticos, e que também não silencie sujeitos e conhecimentos que estão excluídos desta dita universalidade.

Neste cenário, a obra de Yeda Pessoa de Castro destaca-se ao organizar e valorizar as contribuições linguísticas africanas na formação do português brasileiro e instaurar uma discussão que desafia a narrativa hegemônica de matriz europeia acerca da diversidade formativa da língua portuguesa e o papel do contato linguístico entre os povos, em especial os africanos escravizados, que aqui chegaram.

Nosso enfoque ao analisar os textos da professora Yeda será examinar o uso e a presença de termos e conceitos relacionados ao campo da linguagem e que estão em suas obras. Conforme apontado por Coelho e Santos (2022, p. 14):

Ao longo do tempo, foi desenvolvida uma terminologia ampla para lidar com a história linguística transatlântica. Essa terminologia, em geral assimilada junto de modelos do norte global, mostra oscilações, imprecisões, impasses, disputas teórico-metodológicas, atenção a certos tipos de dados/fenômenos (e não a outros) – questões de interesse central para a Historiografia Linguística.

Coelho (2023) ratifica a importância da análise dessa terminologia quando se examina os aspectos conceituais, históricos, políticos, éticos, ideológicos presentes no vocabulário descritivo da língua. Para a autora, este vocabulário descritivo:

reúne e manipula termos carregados de tensões históricas, como “língua”, “variedade”, “dialeto”, “crioulo”, “gíria”, “língua geral”, “português do Brasil”, “português brasileiro”, “português popular”, “pretuguês”. Esses termos interessam como construtos metalinguísticos (veja-se, por exemplo, sua variabilidade referencial ao longo da história), e também como modos de expressão condensada de valores históricos, ideológicos e políticos. A relativa saliência desses valores nesse tipo de unidade linguística tem sido importante para fomentar a discussão ampliada com educadores, historiadores, antropólogos, geógrafos, psicólogos e outros cidadãos (Coelho, 2023, p. 170).

Nosso propósito, portanto, será elencar um conjunto de conceitos e termos dos quais Yeda Pessoa de Castro faz uso ao longo de seus textos e buscar depreender como a autora os compreende e os particulariza no âmbito de sua produção intelectual. Na sequência desta Introdução, seguiremos com uma breve apresentação biográfica de Yeda Pessoa de Castro e das obras utilizadas neste trabalho. Na seção seguinte, discutiremos como a autora discute e contextualiza o português brasileiro e a presença dos falares africanos no país a partir dos estudos que a antecederam, da discussão sobre o “yorubacentrismo” x línguas banto e da noção de aporte. Seguimos com a apresentação das unidades lexicais destacadas em nosso corpus com a interpretação de seus usos por Yeda Pessoa de Castro e, finalmente, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na historiografia linguística transatlântica e nos estudos de Yeda Pessoa de Castro sobre a contribuição das línguas africanas na formação do português brasileiro. O procedimento metodológico inclui: revisão bibliográfica do referencial teórico; resenha e discussão dos textos selecionados; leitura e descrição de fontes primárias relacionadas ao tema; e, por fim, análise

das unidades lexicais de origem africana identificadas nas fontes, considerando seus significados, usos e permanência no português brasileiro.

3 QUEM É YEDA PESSOA DE CASTRO: UM POUCO DA VIDA E DA OBRA

Nas palavras da própria Yeda Pessoa de Castro, daqui em diante apenas Castro, “eu nasci em Feira [1936], mas fui criada aqui em Salvador, tanto que eu costumo dizer que tenho dupla naturalidade; eu sou feirense e soteropolitana também” (Castro, 2022, p. 173). Será nestes espaços, segundo a autora, que se iniciará sua convivência e familiaridade com a população negra e, em especial, com as línguas africanas.

Primeiro, na fazenda da família em Feira de Santana onde “havia muitos pretos-velhos, que cantavam cantigas e faziam aquelas mesinhas e aquilo tudo me intrigava; o que aquela gente estava falando?” (Castro, 2022, p. 173). Em Salvador, Castro viveu no bairro da Barroquinha, um importante espaço de resistência da cultura e religiosidade africanas na cidade no período escravocrata, local em que surge, por exemplo, um dos primeiros terreiros de candomblé da Bahia, o Axé Airá Intilê, ou Candomblé da Barroquinha, como popularmente conhecido. Sobre os anos que viveu na Barroquinha, Castro (2022, p. 174) relata que “no caminho para a escola, conheci uma figura que me impressionou muito: o Procópio do Ogunjá; ele tinha uma quitanda e sempre que eu parava, ganhava umas frutas e, também, falava umas coisas que eu não entendia”.

Desses dois breves relatos, conseguimos destacar a presença das línguas africanas no cotidiano de Castro e como isso a instigava para o conhecimento dessas línguas. Ao desistir da Faculdade de Direito, Castro seguirá os estudos superiores no curso de Letras e será nesse ambiente que conseguirá levar adiante seu desejo já manifestado na infância.

Na faculdade, conheci o professor Nelson Góes que me colocou nos caminhos da dialectologia. Me interessei por estudar e pesquisar o assunto, mas quando me formei, fiquei um pouco decepcionada com ele, porque disse que queria estudar a questão da influência de línguas africanas no Brasil, e ele disse que não, que isso já estava esgotado. Mas eu queria isso e fui procurar. Queria saber que língua aqueles quatro milhões de negros africanizados falavam; não eram mudos, claro que não eram mudos, eles falavam o quê? (Castro, 2022, p. 174).

De sua jornada acadêmica, é importante ressaltar seu pioneirismo quando da defesa de seu doutorado, em 1976, na Universidade Nacional do Zaire. “Era o primeiro estudo apresentado por um professor-pesquisador brasileiro para obtenção de um título de pós-

graduação em universidade africana [...]” (Castro, 2005, p. 15). O resultado desta pesquisa, a partir de um rigoroso método científico e trabalho de campo, pode ser notado no ineditismo da construção de um corpus de vocábulos de origem africana em circulação no Brasil e que tiveram sua procedência etimológicas confrontadas em trabalhos de levantamento exaustivo na Nigéria, Benim e República Democrática do Congo. Sua tese de doutorado ainda é importante por contextualizar o uso de lexemas de procedência africana na língua de santo e na linguagem popular da Bahia, português regional da Bahia e português do Brasil, conforme apontado na “Apresentação” da obra de Castro (2005). Outra contribuição pioneira no âmbito de seu doutorado, foi redescobrir

a prevalência histórica do legado linguístico-cultural do povo banto no Brasil, seu desempenho como principal agente transformador do português do Brasil e difusor da sua modalidade em território brasileiro, até então ocultado ou minimizado face à preponderância do yourubacentrismo nos estudos brasileiros (Castro, 2022, p. 15-16).

A pesquisa de Castro concentra-se na resistência e integração de unidades lexicais africanas no período do Brasil colonial e contemporâneo, com maior ênfase na documentação e análise lexical oriundos de línguas bantas, jeje/mina e outras famílias africanas; na investigação dos processos de contato linguístico entre falantes africanos, indígenas e portugueses durante o período colonial; e em estudos etnográfico-linguísticos que combinam trabalho de arquivo e pesquisa de campo com comunidades afrobrasileiras.

Na docência, destaca-se o magistério na Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição que lhe outorgou em outubro de 2025 o título de Professora Emérita; e na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É válido destacar, ainda, a atuação de Castro na direção do Centro de Estudos Afro-Orientais da (UFBA), que desde a década de 1960 já possuía o curso de língua yourubá; e sua participação na fundação do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO), em Salvador/Bahia.

A produção intelectual de Castro consiste em diversas participações em eventos acadêmicos, diversos ensaios, artigos e entrevistas. Em relação aos livros, tivemos três lançamentos:

- 2001: *Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks Editora;
- 2002: *A Língua Mina-Jeje no Brasil: Um Falar Africano em Ouro Preto do Século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

- 2022: *Camões com Dendê: o Português do Brasil e os Falares Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora.

No ano de 2022, sob responsabilidade do Laboratório de Edição (LABED), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, é lançada pela coleção Viva Voz a coletânea “Africanias em terras brasílicas – Yeda Pessoa de Castro”, organizada pelas professoras Olivia Almeida e Sônia Queiroz. Nesta obra, estão compilados onze textos produzidos por Castro entre 1970 e 2020.

Para o presente artigo, vamos considerar os textos elencados nesta coletânea, além da obra *Camões com Dendê*, de 2022.

4 O QUE DIZ YEDA PESSOA DE CASTRO

Ao longo de sua produção acadêmica, Castro buscou destacar as relações culturais e linguísticas entre Brasil e África, em especial, no que diz respeito ao papel do contato linguístico entre os falares africanos e a língua portuguesa, destacando a matriz africana como o centro dessa relação e da nova configuração dos aspectos linguísticos e culturais no Brasil. A partir dessa perspectiva, Castro coloca como protagonistas, portanto, a população negra.

Em seus textos, podemos destacar algumas temáticas que consideramos importantes para o exercício que pretendemos na seção seguinte, ao selecionarmos as unidades lexicais que nos auxiliam na compreensão do pensamento de Castro. A autora sempre buscou contextualizar e revisitar os trabalhos que trataram da formação do português brasileiro e a presença dos falares africanos para cá introduzidos a partir da escravização; o pioneirismo na discussão sobre a importância e prevalência das línguas banto na formação cultural e linguística face ao predomínio de uma tradição yoruba; e finalmente a noção de “aporte” como contribuição na formação do português brasileiro muito além de apenas um simples empréstimo lexical.

Castro (2022c) afirma que após a abolição da escravatura tivemos os primeiros estudos sobre a influência africana no Brasil sob a perspectiva do negro como elemento formador da cultura nacional. A autora chama a atenção, contudo, para o fato de que em relação aos estudos linguísticos não temos uma contribuição expressiva. Para a autora, isso se deu não por falta de interesse dos pesquisadores, mas por falta de conhecimento dos povos africanos que foram escravizados. Soma-se, ainda, a carência de documentação histórica e de bibliotecas especializadas para o aprofundamento nesse ramo do estudo e um interesse reservado apenas aos africanistas e especialistas em estudos afro-brasileiros, de modo geral.

No final do século XIX, em 1888, Silvio Romero chama a atenção para a ausência destes estudos e “taxava como uma vergonha para os cientistas brasileiros que nenhum de nossos trabalhos tivesse sido dedicado ao estudo das línguas e das religiões africanas” (Castro, 2022c, p. 38). Ressalta-se, no entanto, que em 1889, temos a primeira edição do *Diccionario grammatical*, de João Ribeiro, em que temos a entrada “Negro, elemento” e considerado por Ribeiro como

“toda sorte de alterações produzidas na língua do Brasil pela influência de línguas africanas”, afirmando que essas alterações, ao contrário do que se pensava – referia-se aos trabalhos pioneiros de Macedo Soares –, eram bastante profundas tanto no léxico quanto no sistema gramatical do português. Entre essas alterações, ele atribui a redução das formas verbais e a simplificação das flexões de plural na fala popular à influência de línguas africanas ou da língua tupi (Castro, 2022c, p. 38).

Castro (2022c) destaca que a limitação bibliográfica do período fez difundir, até a publicação, em 1933, de *Os Africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues, o grupo banto como principal influenciador dentre os africanos que aqui chegavam, provavelmente por conta destes primeiros estudos terem sido realizados no Rio de Janeiro, principal região constituída de africanos transplantados da costa angolana.

O trabalho de Nina Rodrigues, no entanto, será um dos difusores do yorubá como língua predominante em Salvador. Para Castro (2022c, p. 39)

Em primeiro lugar, ele deve ter se deixado impressionar pelo fato, segundo o seu testemunho, de os nagô-yorubá terem sido tão numerosos e influentes em sua época que o yorubá chegou a ser ensinado a negros baianos por outros negros que aprenderam a ler e a escrever essa língua nas escolas dos missionários em Lagos, capital da Nigéria. [...]. Em segundo lugar, provavelmente porque o chamado dialeto nagô, em suas palavras, “uma espécie de patois abastardado do português e de outras línguas africanas”, era a linguagem de comunicação usual entre a população negra e mestiça da cidade de Salvador, uma população hoje calculada aproximadamente em 75% do seu total.

A autora questiona o fato de que as literaturas que foram feitas posteriores aos estudos de Nina Rodrigues resumiam as influências africanas em yorubá, na Bahia, e banto nos demais estados, consagrando uma divisão no Brasil nestas supostas áreas de influências. Mesmo ainda persistindo essa divisão, Castro (2022c) não deixa de elencar algumas obras de estudiosos que contribuíram para a compreensão das influências africanas no Brasil, sejam elas em aspectos linguísticos ou culturais:

A influência africana no português do Brasil, de Renato Mendonça, 1935;
O negro brasileiro e outros estudos, de Jacques Raymundo, 1936;

Os africanismos no dialeto gaúcho, de Dante de Laytano, 1936;
Africanos no Brasil, de Nelson de Senna, 1938;
Ensaio de geografia linguística, de Eugênio de Castro, 1941;
O negro e o garimpo em Minas Gerais, de Aires da Mata Machado Filho, 1944
Gauchismos, a linguagem do Rio Grande do Sul, de A. Tenório de Albuquerque, 1954.

Castro (2022c, p. 44) não se furta, contudo, de apontar pensamentos negativos e com certa xenofobia de alguns destes estudiosos em relação ao elemento africano na língua portuguesa, como posto por Serafim da Silva Neto, em sua obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, de 1963:

Serafim da Silva Neto declara que ‘no português brasileiro não houve, positivamente, influência de línguas africanas ou ameríndias’, considerando a simplificação e redução das formas verbais e das flexões de plural na fala popular como ‘cicatrices da tosca aprendizagem que da língua portuguesa, por causa de sua mísera condição social, fizeram os negros e os índios’.

Castro não apresenta apenas uma revisão da literatura até então produzida sobre as influências das línguas africanas no português brasileiro. A autora também discute em seus trabalhos, o cenário histórico e social que fazia parte da chegada dos escravizados e nos ajuda a compreender alguns aspectos sociolinguísticos do Brasil.

Explicar o avanço do componente africano nesse processo é uma questão que deve ser encarada sem as reações racistas e classistas que se lhe antepõem. Em outros termos, focalizando o negro como personagem atuante e verdadeiro no desenrolar dos acontecimentos que eventualmente lhe foram favoráveis, para exercer um tráfico de influência de interesses comuns e niveladores, através de um movimento implícito de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano (Castro, 2022e, p. 97).

Castro (2022e, p. 98) relembra os trezentos anos de conflitos entre os colonizadores europeus e os africanos escravizados e “a emergência de um processo de interação cultural em estágio mais avançado foi provavelmente facilitada em diferentes graus por alguns fatores de ordem socioeconômica e também de natureza linguística [...]”. Essa interação pode ser entendida a partir da chegada de aproximadamente cinco milhões de africanos, com o Brasil passando a ter 75% de negros em relação ao número de colonizadores europeus, conforme dados do Censo Demográfico no ano de 1822. Um outro fator, embora negativo, que contribuiu para essa interação cultural e que influenciaria nos aspectos linguísticos foi o aniquilamento de uma língua veicular de base tupi.

Outro aspecto importante que auxiliou na distribuição dos negros escravizados em território nacional foi o tráfico interno e a conseqüentemente mobilidade desses sujeitos. Assim,

escravizados do Nordeste eram deslocados para o Sul e do Centro-Oeste para o Norte, por exemplo.

Em consequência da amplitude geográfica alcançada por essa distribuição, o elemento negro foi uma presença constante em quase todas as regiões do território brasileiro sob regime colonial e escravista. Fenômeno semelhante dessa mobilidade geográfica com sua dinâmica cultural e linguística ocorre presentemente através das migrações de brasileiros negros para os estados industrializados do eixo Centro-Sul do país e para as regiões de mineração do Norte e Centro-Oeste (Castro, 2022e, p. 99).

Uma leitura atenta dos textos de Castro ao longo de sua produção intelectual, nos faz perceber um consenso do legado das culturas negro-africanas no Brasil, mas constantemente negligenciados.

Se as vozes dos quatro milhões de indivíduos trazidos da África subsaariana, ao longo de quatro séculos consecutivos, para serem escravizados no Brasil não tivessem sido abafadas em nossa história, por descaso e preconceito acadêmico, não haveria mais dúvida, por parte de linguistas e filólogos, não só brasileiros, de que a consequência mais direta daquele tráfico foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sul-americana (Castro, 2022i, p. 133).

Assim, Castro toma como propósito a discussão “da interferência dos falares negro-africanos na constituição do português brasileiro confrontando, à luz da análise etnolinguística, os dados levantados nas regiões apontadas pelas pesquisas sistemáticas que continuamos a fazer [...]” (Castro, 2022i, p.134). Esse trabalho será marcado pelo uso metodológico das “evidências projetadas pelo estudo diacrônico da inserção dos aportes lexicais de matriz africana no vocabulário da língua portuguesa, tendo em vista que o léxico é o espelho da língua” (Castro, 2022i, p. 135).

Além disso, adotando essa orientação metodológica diferenciada no estudo do vocabulário analisado e tendo em mente que a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, redescobrimos a prevalência do legado do grupo banto no Brasil, até então ocultado ou minimizado face à preponderância do yorubacentrismo nos estudos afro-brasileiros (Castro, 2022i, p. 136).

Entre os anos de 1969 a 1972, estando na Universidade de Ifé (Nigéria), Castro submeteu seus dados vocabulares para verificação na região do Golfo do Benim. Em 1976, “já na Universidade Nacional do Zaire, estendemos a verificação desses dados no domínio banto, que, ao contrário da região yorubafone, tem sido pouco explorado para estudos comparativos Brasil-África” (Castro, 2022b, p. 30).

Essa controvérsia contribuiu para popularizar, no Brasil, a tendência de se compreender as diferentes línguas e culturas africanas, em termos de uma única cultura e língua, a yorubá, principalmente no contexto dos candomblés, e terminou por estabelecer a divisão do Brasil em duas áreas de influências africanas-yorubá, na Bahia, e os banto, em outros estados – como se essas duas supostas áreas de influências estivessem em dois compartimentos limítrofes, mas estanques entre si. Em outros termos, a influência do grupo banto supostamente não deveria ser encontrada na Bahia, enquanto a influência yorubá teria sido relevante apenas na Bahia (Castro, 2022b, p. 31).

Para Castro, esse pensamento em relação ao papel minorizado das línguas banto em relação ao yorubá, está presente em estudos anteriores, como de Nina Rodrigues, afirmando que “os nagô eram os africanos mais influentes no Estado”, embora sua pesquisa não passasse da cidade de Salvador, na suposição, segundo ele mesmo declara, de que “após a abolição, os africanos afluíram todos para essa cidade e aí se concentraram” (Castro, 2022b, p. 31).

Outro fator que contribuiu para a divulgação do yoruba como língua majoritária na Bahia foi devido aos estudos se concentrarem nos candomblés de origem nagô-ketu em que o yoruba é língua ritual veicular. Castro (2022b, p. 32) ainda afirma:

Além da centralização das pesquisas na cidade de Salvador, e entre os mesmos terreiros, o hábito tradicional de chamar a cidade de Salvador pelo seu antigo nome de Bahia, sem, no entanto, esclarecer que se trata da capital e não do estado da Bahia, terminou conseqüentemente popularizando a concepção, também inadequada, de que os yorubafones foram os africanos mais influentes no Brasil. Essa atitude reforçou, por um lado, os estereótipos existentes quanto à pretensa inferioridade das culturas do grupo banto no Brasil em geral e, por outro lado, relegou o segundo plano a importante presença dos povos ewe-daomeano entre nós, inclusive na Bahia.

Em relação ao grupo banto, Castro (2022b) aponta sua introdução no país na condição de escravizados rurais, desde o primeiro momento da formação da colônia, com a função de desbravamento e povoamento da terra. Em sua maioria, esses grupos estavam confinados e misturados etnicamente entre si nas senzalas “numa condição que não lhes permitia adaptar-se à realidade de uma nova situação sem quebra violenta de seus padrões culturais, e cujo único recurso de liberdade era a fuga para os quilombos” (Castro, 2022b, p. 34)

Esses contatos interétnicos e interculturais prolongados junto à predominância numérica banto no período colonial, segundo Castro (2022b,), destacam de forma “profunda e penetrante”, nas palavras da autora, os elementos da língua, religião e folclore que o brasileiro de hoje não se percebe que são de origem africana. Se essa identificação é notada, em especial no âmbito religioso, “há uma tendência de lhes atribuir uma origem yorubá, mesmo quando não o são, como é o caso da palavra candomblé, cuja origem banto é indiscutível” (Castro, 2022, p.

34). Para a autora, esse é um fator que denuncia a influência localizada do yoruba e, conseqüentemente, de mais fácil observação concreta visto ser mais recente e menos integrada.

Em relação a influência do grupo banto no domínio da língua portuguesa, Castro chama a atenção para os empréstimos lexicais em uso no português do Brasil como um todo. “Esses empréstimos estão de tal maneira integrados ao sistema linguístico do português que já demonstra uma antiguidade maior, que formam diferentes derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto. É o caso, entre outros, de corcunda, caçula, maconha, umbanda, tanga etc.” (Castro, 2022b, p. 35)

Ainda para a autora, essa influência banto pode ser notada no domínio do folclore através de nossas manifestações tradicionais:

Ao lado do samba, temos os congos, os moçambiques, a capoeira de Angola etc., todos falando de Aruanda ou Luanda, mas no sentido de toda a África Negra, a África mítica, morada dos deuses e povoada de entes fantásticos, como os tutus, os zumbis, as calungas que vivem no mundo banto e nos acalantos e contos populares brasileiros (Castro, 2022b, p. 35).

É válido destacar que Castro, ao longo de seu debate sobre a valorização da presença banto, não desmerece os demais grupos que contribuíram na construção de nossa identidade linguística e cultural. Sua intenção é demonstrar que os povos estão no mesmo nível de contribuição no que tange essa influência.

Castro reforça que os povos yoruba-nagô, por exemplo, não se limitaram apenas na Bahia, mas se fizeram presentes no Maranhão e em Pernambuco; os povos ewe-daomeana ou jeje-mina possuem destaque no âmbito religioso, observado nos modelos de candomblés urbanos baianos e na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão. Destaca, contudo, que “os banto, por mais de três séculos, estiveram sempre presentes em todas as regiões do Brasil em que se exigiu a mão de obra africana” (Castro, 2022b, p. 35), um dos fatores de sua condição de matriz africana principal no âmbito brasileiro.

Uma outra discussão importante nos textos de Castro é sua opção teórico-metodológica pelo uso do conceito de “aporte”. A autora entende que a noção de empréstimo não é suficiente para a compreensão da presença africana na língua portuguesa devido ao “seu cunho eufemístico, ou melhor, por sua extraordinária polidez” (Castro, 2022i, p. 135).

O alcance do significado do termo aporte vai além do atribuído ao termo empréstimo, pois não se trata tão somente de “empréstimos ao vocabulário” resultantes de “troca bilateral de línguas em presença”, como quer Bonvini, mas da apropriação de termos novos para denominar objetos recém-adquiridos, da necessidade de estender sentidos,

de expandir o léxico para descrever e cobrir um fato social que era a presença do africano escravizado em terras brasileiras [...] (Castro, 2022i, p. 135).

Assim, para Castro, a noção de aporte encerra uma apropriação de termos que transformam esses aspectos até então específicos de uma vivência africana, para nossas “africanias” que introduzirão um novo falar e hábitos adquiridos como segunda língua (Castro, 2022i). Essa interferência, ou africanias em seus termos, dá-se por conta da participação sociolinguística da mulher negra, do crioulo e do escravizado ladino na condição de escravos de Jó (‘domésticos’, ‘casa’) no âmago da família colonial.

Com isso a autora conclui que o continente africano é a matriz mais importante quando se trata da configuração do perfil da nacionalidade brasileira e, conseqüentemente, ela considera que os falantes africanos e seus descendentes são os protagonistas no que se refere a ação linguística que houve no período colonial e isso resultou na africanização do português.

Na seção seguinte, apontaremos um levantamento de um conjunto de conceitos e termos relacionados ao campo da linguagem presentes nos textos de Castro e que nos auxiliam a compreender o contínuo terminológico-discursivo do fazer e do posicionamento da autora, nos moldes apresentados em Coelho e Santos (2022) e Coelho (2023).

5 O QUE OS EIXOS TERMINOLÓGICOS NOS DIZEM SOBRE A PESQUISA DE YEDA PESSOA DE CASTRO?

Segundo Coelho (2023), os objetos históricos examinados no Brasil são marcados por diversos processos como a colonização, a escravização, o racismo, o machismo, dentre outros tipos de violências. Para a autora, as línguas não passaram ilesas dessas imposições ao serem representadas e codificadas, ainda mais que “esses saberes linguísticos têm sido apresentados, majoritariamente, apenas como parte de uma história intelectual marcada pela cosmovisão ocidental, eurocêntrica” (Coelho, 2023, p. 168).

Os estudos que daí surgem acabam por padronizar esses saberes linguísticos em capítulos, ou rótulos, bem definidos, como linguística colonial, racionalista, histórica, gerativista etc., e que são produzidos por “linguistas brasileiros” (homens pretensamente cis, sem cor, sem posição social ou política, majoritariamente em circulação no Rio de Janeiro ou em São Paulo e vinculados às instituições mais tradicionais desses lugares)” (Coelho, 2023, p. 168-169). Ainda para Coelho (2023), essa seria uma forma de reprodução local atrelada a um

fazer relacionado ao cientificismo global que define quais são os conhecimentos e sujeitos aptos a estarem (ou não) presentes em uma agenda acadêmica.

Para Coelho e Santos (2022, p. 5)

Na Historiografia Linguística, as tentativas de romper com a lógica da modernidade/colonialidade encontram dificuldades como a de fazer ressaltar a intelectualidade subequatorial e, nesta, as mulheres, pessoas pretas, indígenas, LGBTQIA+, estrangeiras, socialmente periféricas, quando se pensa na produção de conhecimentos sobre as línguas e a linguagem.

Neste sentido, ao trazermos em destaque o trabalho de Yeda Pessoa de Castro, propomos trabalhar na construção de uma narrativa que privilegie, por exemplo, o fazer intelectual geograficamente subequatorial e no campo do gênero de uma mulher etnolinguista. Soma-se, ainda, a temática abordada ao longo da trajetória acadêmica de Castro, em especial, de sujeitos subalternizados em um contexto escravocrata colonial e de uma variedade de português ainda estigmatizada frente a uma variedade padronizada no molde europeu colonizador.

Interessa-nos, então, um levantamento de eixos terminológicos, que encerram conceitos ou termos, que podem nos auxiliar a compreender os processos de contato linguístico e a formação de uma variedade linguística marcada intrinsecamente por um contexto socio-histórico-cultural. Assim como Coelho e Santos (2022) fizeram esse exercício a partir do levantamento terminológico de textos de Macedo Soares e Amélia Mingas, faremos com um conjunto de textos de Castro, pois nos revelam a forma como a autora percebe, codifica e fundamenta sua visão teórico-epistemológica conforme buscamos pontuar na seção anterior. Concentramo-nos, portanto,

no exame de aspectos conceituais, históricos, políticos, éticos, ideológicos presentes em um certo vocabulário descritivo que reúne e manipula termos carregados de tensões históricas, como “língua”, “variedade”, “dialeto”, “crioulo”, “gíria”, “língua geral”, “português do Brasil”, “português brasileiro”, “português popular”, “pretuguês”. Esses termos interessam como construtos metalinguísticos (veja-se, por exemplo, sua variabilidade referencial ao longo da história), e também como modos de expressão condensada de valores históricos, ideológicos e políticos (Coelho, 2023, p. 170)

No quadro a seguir, do lado esquerdo, seguem os conceitos e termos que selecionamos a partir dos textos de Castro que consideramos para este trabalho e que se fazem presente na maioria de suas discussões e são constantemente explicitados/definidos. Na coluna da direita, uma síntese da definição da autora.

Quadro 1 - Eixos terminológicos de acordo com Castro

Africania	O legado linguístico e cultural negroafricano
Africanismos	Palavras, expressões, estruturas fonéticas, sintáticas ou semânticas do português brasileiro que têm origem nas línguas africanas trazidas pelos escravizados
Aporte	Contribuição, herança ou influência cultural e linguística para além do simples empréstimo vocabular. O aporte é o nível final que reconhecemos as africanias.
Aportuguesamento	Processo de adaptação de palavras de origem africana ao sistema fonológico, morfológico e ortográfico do português
Apropriação linguística	Processo pelo qual as populações africanas e afrodescendentes, em contato com o português, se apropriaram dele e ao mesmo tempo preservaram e ressignificaram suas próprias línguas
Bantuização	Processo de influência profunda das línguas bantu (como kimbundu, quicongo, umbundu, etc.) sobre o português do Brasil, tanto no nível lexical quanto no fonológico, sintático e prosódico
Bilinguismo	Convivência e o uso de duas línguas (português e línguas africanas) no contexto histórico e social do Brasil
Coexistência linguística	Presença simultânea do português e das línguas africanas no Brasil, convivendo em diferentes funções sociais e culturais
Competência simbólica	Forma como determinados grupos utilizam a língua como expressão de identidade, pertencimento e transmissão de saberes
Contato linguístico	Processo histórico de interação entre o português e as línguas africanas no Brasil, responsável por empréstimos, adaptações e pela própria formação diferenciada do português brasileiro, marcado por traços fonológicos, lexicais e sintáticos africanos
Crioulo	Língua nova, nascida do contato desigual entre línguas, geralmente em contextos de escravidão e colonização. Segundo Castro, embora não se tenha fixado um crioulo no Brasil, o português brasileiro apresenta muitos traços de crioulição, resultado do contato intenso com as línguas africanas
Dialetos	Variações de uma mesma língua, marcadas por diferenças fonéticas, lexicais, sintáticas ou prosódicas, que refletem fatores históricos, sociais e culturais de seus falantes
Dialetos africanos	Variantes internas de cada língua africana, muitas vezes preservadas no Brasil em contextos religiosos
Dialetos do português brasileiro	Variedades regionais e sociais que carregam forte influência do contato linguístico com as línguas africanas
Empréstimo	Não é apenas um fenômeno lexical isolado, mas um processo dinâmico que revela a interação cultural e linguística entre diferentes povos, contribuindo para a identidade linguística do Brasil
Escravidado ladino	Segundo Castro, “É aquele que logo aprendia a falar português”
Falantes africanos	Agentes fundamentais no processo de crioulição do português brasileiro, deixando marcas linguísticas que permanecem até os dias de hoje
Identidade	Consciência de pertencimento de um grupo, construída e reafirmada pela língua, pela oralidade, pelas práticas culturais e religiosas
Influências	Marcas deixadas por uma língua ou cultura sobre outra ao longo do tempo. Nesse caso, ela observa as influências que ocorreram no contexto da interação entre as línguas africanas e o português brasileiro
Integradas	Processo pelo qual elementos linguísticos das línguas africanas foram incorporados e adaptados ao português brasileiro de forma natural ao longo do tempo.
Interferência	Processo que resultou na formação do português brasileiro a partir da convivência da língua do europeu com as línguas africanas e ameríndias que aqui estavam. Ao contrário da literatura generalizada, o termo para Castro encerra um valor positivo.

Língua	“Aqui, entendida como desempenho mais do que como simples competência linguística.” (Castro, 2022, p. 67)
Línguas aparentadas	Para a autora, embora os africanos no Brasil falassem diferentes idiomas, havia um grau de semelhança entre essas línguas que possibilitava algum grau de compreensão mútua e facilitava no processo de comunicação
Língua de competência	Língua principal do falante, aquela que ele domina completamente para se comunicar no dia a dia
Língua ritual	Línguas preservadas nos rituais e cerimônias de Candomblé, sendo transmitidas oralmente dentro dos terreiros
Língua de santo	Conjunto de expressões e termos utilizados nas religiões afro-brasileiras, especialmente no Candomblé
Língua veicular	Para a linguísta este termo refere-se a um idioma utilizado como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas nativas
Língua oficial	Língua reconhecida pelo Estado (no caso do Brasil, o português), em contraposição às línguas africanas e indígenas, que, embora fundamentais na formação cultural e linguística do país, não receberam status oficial e foram historicamente apagadas
Língua segunda	Língua que se aprende em contexto de contato e necessidade prática, como o português que os africanos tiveram de adotar no Brasil, sem deixar de lado suas línguas de origem
Línguas nacionais	Línguas maternas da maioria da população, enraizadas na tradição e identidade cultural, mas que, por razões políticas e coloniais, não alcançaram o estatuto de língua oficial
Nação	A autora se refere a um termo que está fortemente ligado ao contexto das identidades africanas no Brasil, especialmente dentro das comunidades afro-brasileiras e das religiões de matriz africana.
Normatização	Processo histórico de imposição da norma culta do português, que silenciou outras línguas e variedades, tema que a autora começou a estudar já nos anos 1980, a partir de sua pesquisa sobre a presença africana no português do Brasil.
Oralidade	Espaço vital de preservação e transmissão cultural das línguas africanas no Brasil.
Patrimônio linguístico	Herança cultural expressa nas línguas e falares, especialmente africanos, que moldaram o português do Brasil
Português	Para Castro, o português é uma língua em contato, que no Brasil foi imposta como oficial, mas se transformou profundamente pela influência das línguas africanas e indígenas
Português angolano	Variedade do português moldada pelo contato histórico com línguas africanas de Angola, resultado de africanização, que se desenvolveu desde a colonização e continua viva nos falares contemporâneos
Pretuguês	Castro afirma que é o português brasileiro marcado pela influência africana, preservando léxico, fonética e estruturas culturais africanas, funcionando como expressão de identidade e memória histórica afro-brasileira
Variedade lexical	Diversidade de palavras e expressões no português brasileiro resultante do contato com línguas africanas e de contextos sociais e históricos variados
Variação linguística	Diversidade de formas da língua brasileira, resultante do contato histórico com línguas africanas e indígenas, marcada por diferenças sociais, geográficas e culturais
Variedades do português	São as formas diversificadas de falar a língua, moldadas pelo contexto histórico, social, regional e pelo contato com línguas africanas, indígenas e locais, cada uma carregando identidade e memória cultural

Fonte: elaborado pela autora.

Os termos presentes no quadro acima nos ajudam a compreender, mesmo que de forma preliminar, o pensamento envolto às discussões levantadas por Castro ao longo de seus textos. Conforme colocamos na seção “O que diz Yeda Pessoa de Castro”, a autora teve como norte

destacar o papel do contato linguístico entre os falares africanos e a língua portuguesa que seriam os agentes principais da legitimação da variedade brasileira da língua com o elemento populacional negro de escravizados como personagem central desse processo.

A noção de “língua” apresentada pela autora mostra, então, sua preocupação em atestá-la mais como um desempenho do que a competência em si, tão cara no viés gerativista, por exemplo. Para Castro, a língua é a performance e que existe quando colocada em uso e daí seu entendimento e apontamento para “línguas aparentadas”, “línguas rituais”, “línguas de santo”.

Se a língua está atrelada ao desempenho, pressupõe a sua variabilidade. Assim, Castro expõe as diferentes formas de se falar português, enquanto uma língua que varia, como as demais, mas chama-nos a atenção como a autora reconhece, a partir de termos como “pretuguês” e “português angolano”, os falares em que o elemento africano é constituinte fundamental de particularização desses falares. A autora, então, reconhece o papel do “contato linguístico” como um fator histórico e fundamental para a formação dessa identidade linguística de seus sujeitos.

Para finalizar, reforçamos aqui a noção de “aporte” trazida pela autora e que explanamos na seção anterior. Ao redirecionar o olhar do simples empréstimo linguístico para a ideia de aporte, Castro assume o importante papel da população negra escravizada na contribuição para além do vocabulário, mas sua contribuição na definição de novos objetos, na necessidade de estender sentidos e em descrever novos fatos sociais através da língua portuguesa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, buscamos fazer um panorama da produção textual de Yeda Pessoa de Castro a partir da escolha de três temas que parecem constantes em suas obras: a contextualização socio-histórica da formação do português brasileiro e o papel do negro escravizado neste processo, a discussão acerca do yorubacentrismo x línguas banto na matriz do português falado no Brasil e, por fim, a noção de aporte.

A síntese que trouxemos de seus trabalhos, evidenciou que as línguas negro-africanas tiveram um papel essencial na formação do português brasileiro, atuando não só como fontes de vocabulário, mas também como elementos estruturantes de práticas culturais, religiosas e sociais. Essa evidência pode ser constatada a partir do recorte dos eixos terminológicos que apresentamos e que nos ajudam a compreender o modo como Castro se posiciona frente a uma

narrativa linguística que privilegia novos corpos e um novo viés de abordagem temático dentro de uma tradição de estudos da língua portuguesa ainda tradicionalmente europeu.

O trabalho de Castro mostrou-se, portanto, como uma alternativa para a construção de uma história linguística transatlântica ao interseccionar história e lingua(gem) a partir dos contatos linguístico e populacional.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: BATISTA, R. O. (org.). **Historiografia da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-43.

BATISTA, Ronaldo. O conhecimento histórico. **Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020, p. 31-43.

BATISTA, Ronaldo. História e historiografia da linguística: um mapa de orientação. In: BATISTA, R.; BASTOS, N. (orgs.). **Questões em historiografia da linguística**. São Paulo: Pá de Palavra, 2020, p. 30-49.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Antropologia e linguística nos estudos afrobrasileiros. In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022a, p. 7-28. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. África descoberta: uma história recontada. In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022b, p. 29-36. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Os falares africanos na interação social do Brasil colônia. In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022c, p. 37-64. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro (1983). In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022d, p. 65-96. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Dimensão dos aportes africanos no Brasil. In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022e, p. 97-110. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro (2020). In: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de

Letras da UFMG, 2022f, p. 111-118. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. E por falar em samba, uma forma de oração. *In*: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022g, p. 119-126. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Camões com dendê. *In*: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022h, p. 127-132. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. A invisibilidade das línguas negro-africanas no português brasileiro. *In*: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022i, p. 133-142. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. A língua banguela, território de identidade negro-africana em Minas Gerais. *In*: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022j, p. 133-156. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. Nossa língua brasileira. *In*: CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2022k, p. 157-169. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Africanias-em-terras-brasilicas.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Camões com dendê**: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

CECATTO, Adriano. A História Atlântica como possibilidade de abordagem metodológica para os estudos do Atlântico e o ensino de História da África. **Temporalidades**, ed.23, v.9, n.1, p.167-183, 2017.

COELHO, Olga; FINBOW, Thomas. Apontamentos para uma história linguística transatlântica e descolonizada do português no Brasil: o contato e a diversidade em foco. *In*: VIEIRA, F.E.; BAGNO, M. (Orgs.). **História das línguas, histórias da linguística**: homenagem a Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2020, p. 61-84.

COELHO, Olga.; SANTOS, Eduardo. Macedo Soares, Amélia Mingas e a historiografia linguística transatlântica. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022020, 2022.

COELHO, Olga. Historiografia Linguística Decolonial. *In*: LEITE, Marli Quadros; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva; SIQUEIRA, Cíntia Cardoso de. **Tópicos em historiografia da linguística**: das práticas Linguísticas à meta-historiografia. São Paulo: Edusp, 2023, p.161-173.

SANTOS, Eduardo. A Contribuição de Amélia Mingas para uma História Linguística Angolana: Contextualizações Iniciais. **Revista da ABRALIN**, vol. 20, n. 3, pp. 574-585, 2021.

SWIGGERS, Pierre. História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações. **Revista Eutomia**, ano III, vol.2, p.1-17, 2010.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, n.44/45, p.39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas, problemas. *In*: BATISTA, R.O. **Historiografia da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.